

Lino, Patrícia. 2020. O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial. Lisboa: Douda Correria.

PEDRO EIRAS

Universidade do Porto. Faculdade de Letras.
Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa
peiras@letras.up.pt

Sim, claro que há humor neste título insólito de Patrícia Lino — *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*. Sim, claro que há ironia, paródia, riso ou talvez apenas sorriso (ou então pranto e ranger de dentes?). Há um desfasamento entre o carácter técnico de qualquer *kit* e a absurda inutilidade deste manual de instruções, um desencontro entre a letra e o espírito, os discursos citados e o discurso que os põe ao espelho, para os pôr a ridículo. Há, claro, tudo isso; mas há ainda, e é decerto o mais importante, um programa extremamente sensível e urgente — um apelo à reescrita da História, à reinvenção da linguagem, à audição do outro.

Para descrever este *Kit*, importa apresentar, em algumas linhas, a própria autora: Patrícia Lino é uma escritora portuguesa, uma especialista em literatura brasileira, professora na University of California Los Angeles. A esta pluralidade de lugares, acresce um verdadeiro “ofício múltiplo” (cf. Frias, Eiras e Martelo, org. 2017): Patrícia Lino é poetisa, artista plástica, performer, criadora de ilustrações, de vídeos, de um álbum de poesia “mixada”. Se insisto neste carácter vário e experimental da criação da autora, não é simplesmente como pano de fundo para descrever o *Kit*, mas porque existe aqui uma forte coerência: a pluralidade de experiências — lugares, linguagens, formas — gera uma cosmovisão aberta, atenta à diferença, em tudo distinta da cosmovisão fechada do suposto “descobridor português”. Quando Anna Klobucka, no prefácio ao *Kit*, descreve o “olhar agudo” de Patrícia Lino como o de “uma estrangeirada profundamente portuguesa ou portuguesa profundamente estrangeirada” (2020, 5), não é para designar uma dupla falha, mas, bem pelo contrário, uma dupla força, um ponto de vista mais lato, porque multiplicado. É em nome de uma atenção ao plural que se recusará agora o primado do mesmo — e a hierarquia que lhe subjaz.

Descrevo agora o livro: trata-se de uma apresentação de quarenta objectos que qualquer saudosista dos “descobrimientos portugueses” (do imperialismo, do colonialismo, do fascismo...) deveria supostamente possuir, para sobreviver a um mundo que lhe é — segundo o título, *Kit de Sobrevivência* — adverso. O livro inclui o nome de cada objecto, uma imagem, uma definição (com maior ou menor pormenor), uma instrução de uso e, eventualmente, uma menção à idade mais própria para o seu uso. A aparente seriedade deste manual, evocando os universos da farmacologia e da auto-ajuda, desfaz-se depressa se atentarmos nos objectos listados.

O primeiro, por exemplo, é o “FRASQUINHO DE MAR PORTUGUÊS” (Lino 2020, 8), de que a autora apresenta uma ilustração (9) e a seguinte definição:

O FRASQUINHO DE MAR PORTUGUÊS é uma das práticas mais recorrentes da Terapia de Reposição de Maresia (TRM), que restitui ao corpo a substância responsável pela dependência da interpretação colonial e eurocêntrica do mar, do embelezamento do processo da colonização portuguesa e de quaisquer outras teorias, crenças ou práticas coloniais (10)

A apresentação do objecto termina com a posologia, estipulando como o saudosista deve inspirar “o cheiro forte e característico” (11) do mar português — não por acaso, título de uma das partes da *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

Um segundo exemplo: o segundo objecto do *Kit* é a “BOLA-MAPA MUNDI” (Lino 2020, 12), ou seja, “uma bolinha anti-stress com a forma do globo terrestre” (14), incluindo a seguinte posologia:

1. Com uma das mãos, abrindo e fechando todos os dedos, aperte e desaperte a BOLA-MAPA MUNDI.
2. Use o marcador de cor preta para circundar o antigo império português. Repita PORTUGAL É O CENTRO DO MUNDO, até acalmar-se.
3. Poderá também lançar a BOLA-MAPA MUNDI ao ar.
4. Ou chutá-la com um dos pés.
5. Porque, como você sabe, depois da colonização, veio o futebol.

Para todas as idades. (15)

A seriedade da linguagem (exercícios para alívio do *stress*, conselhos médicos, posologias) colapsa na imagem absurda da bola-mapa mundi no ar — como o mapa-balão com que brinca o *Grande Ditador*, em Charles Chaplin —, seguida da denúncia do efeito alienante do futebol, avatar contemporâneo dos velhos *circenses*...

Estes dois exemplos permitem já entrever o jogo satírico do livro: aparentemente sério, afinal burlesco, por fim doloroso. Trata-se, em suma, de criar um discurso paródico a partir de discursos solenes, que permita desmontá-los por dentro. Nesse sentido,

o *Kit* vai listando textos, linguagens, discursos políticos e literários, o uso automático de narrativas históricas por questionar. A estratégia de auto-ajuda do descobridor português implica a repetição mecânica de frases-feitas, juízos de valor, *slogans*, supostas verdades universais; um “CATEQUISMO ARISTOTÉLICO” para justificar a escravatura (Lino 2020, 42-46); “HISTÓRIAS DE EMBALAR” com uma cosmovisão racista (48-53); um “DISCO RISCADO LUSITANÍSTICO” cheio de *clichés* (68-71); e ainda a “CAVAQUEIRA”, vinil que recolhe enunciados (verídicos) de Aníbal Cavaco Silva sobre os descobrimentos portugueses, dados como exemplares (118-121). Entretanto, a literatura não é poupada: o *Kit* propõe o livro “NOTAS SOBRE A GRANDEZA DE PORTUGAL QUE NÃO FAZEM SENTIDO PARA MAIS NINGUÉM A NÃO SER PARA OS PORTUGUESES” (20-23), numa assumida paródia contra *A Arte de Ser Português* de Teixeira de Pascoaes, o providencialismo patriótico de *Os Lusíadas* (78) e alguns versos de *Mensagem* (86) são citados e interrogados, sempre sob o fetiche de uma “LÍNGUA DE CAMÕES” (138-143), que vigia quem pode falar e o que se pode dizer.

Esta profusão de discursos segue sempre as mesmas leis. Importa repetir insistentemente os mesmos enunciados: “É [...] fundamental [...] repetir de modo obsessivo as premissas” (46), “volte a repetir incessantemente a mesma frase” (53), “O DISCO RISCADO LUSITANÍSTICO é um clássico da pedagogia da repetição” (70), e, como corolário, importa nunca explicar o discurso (56). Numa formulação lapidar, “A imagem mais viral é também a mais verdadeira” (57), ou seja, a fundamentação do discurso passa apenas pela sua repetição massiva, histórica, inconsciente. Pelas mesmas razões, quando o *Kit* pretende explicar “Como usar A INDIFERENÇA DO OCIDENTE”, nem é preciso indicar instruções, basta esclarecer: “Você já a usa. Só não tinha, muito provavelmente, um nome para ela” (58).

Assim, uma das tarefas mais importantes de *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* é “dar nomes” aos discursos, gestos, rituais, objectos, ideias-feitas; mesmo antes de os derrubar, retirá-los a uma inconsciência partilhada — e tanto mais confortável quanto menos reconhecida. Por isso, este livro é um discurso que imita discursos para chegar a um anti-discurso: trabalho de revisão, dentro da própria linguagem, que deve torná-la estranha a si própria. Nesse sentido, todo o gesto crítico do *Kit* deve opor-se à “AMNÉSIA SELECTIVA” (170) que protege os próprios discursos, estabelecendo os limites do impensado, os dogmas, uma suposta natureza das coisas — evidente nos lugares-comuns que o livro convida a repetir. Contra a amnésia, é necessária uma memória plural; contra o automatismo, uma consciência; contra a doutrina, a tarefa sempre difícil de uma crítica.

Por isso, o *Kit* de maneira nenhuma se esgota numa primeira instância do gesto paródico, com o seu colorido absurdo; pelo contrário, essa comicidade apela a uma crítica do discurso e a um trabalho de revisão da História. Ou seja, exige-se um debate plural: onde esta quinquilharia nacionalista, imperialista e fascista exige a voz única, a ironia do *Kit* apela ao dissenso, ao trabalho do debate e do diálogo com o outro. Que

um tal diálogo continua hoje ameaçado, mesmo num mundo supostamente já “anti-colonial”, é óbvio: no instante em que escrevo estas linhas, circula em Portugal uma petição exigindo a deportação do luso-senegalês Mamadou Ba, activista anti-racista e anti-imperialista. Tudo isto num momento histórico em que diversos políticos afirmam que não há racismo em Portugal, e em que um partido de extrema-direita, racista, misógino, lgbtqiafóbico, alcança um lugar no Parlamento.

“Em todos os sentidos, o diálogo é resistência. A escuta exige resistência física e emocional. Essa resistência é política, mas em um nível mais subjetivo, é ética. O diálogo é, ele mesmo, um mecanismo, um organismo, uma metodologia ético-política”, escreve Marcia Tiburi em *Como Conversar com um Fascista* (2016, 53-54). O *Kit* de Patrícia Lino procura precisamente pensar esse mecanismo não-mecânico, essa resistência feita de abertura, essa identificação entre ética e política. Se estas formulações parecem, sem excepção, no limite do paradoxal, é porque este livro apela precisamente a um pensamento além da *doxa*. É esta abertura a uma *praxis* concreta que descrevem as palavras de Patrícia Martins Marcos, no posfácio:

O Kit de Patrícia Lino não é só um *Kit*. Tampouco é só um livro, projecto ou paródia. É mais um movimento dentro da sua mundividência feminista e anticolonial. [...] Ao focar o passado, Patrícia acaba por convidar todos os leitores a pensar o seu oposto: a usar este *Kit* para poder não só conceber, mas mergulhar na práxis de um futuro mais igualitário, inclusivo, feminista, antirracista, descolonial e pró LGBTQIA+. (2020, 200)

Para acabar, recordo um último objecto absurdo deste *Kit*: “A SEBASTIANA é uma máquina de fazer nevoeiro que propicia as condições atmosféricas ideais para o reaparecimento de Dom Sebastião” (Lino 2020, 174). As instruções de uso são extremamente simples: “1. Coloque a SEBASTIANA num espaço fechado. / 2. Ligue a SEBASTIANA. / 3. Espere entre 20 a 30 minutos” (175). Não sei até que ponto estas linhas sugerem um suicídio literal, por inalação dos misteriosos vapores da máquina; talvez o suicídio seja outro, um suicídio em vida, convertido nesta espera de 20 a 30 minutos — ou será 20 séculos, 30 milénios? Seja como for, o pensamento mágico desta expectativa decerto falha — e nem tanto pelo absurdo da situação, mas pelo simples erro pueril de ficar à espera, no espaço fechado da mesmidade, enquanto a vida plural, lá fora, chama por nós.

Bibliografia

- Frias, Joana Matos, Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo, orgs. 2017. *Ofício Múltiplo. Poetas em outras artes*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa / Afrontamento.
- Klobucka, Anna M. 2020. “Prefácio.” In *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* edited by Patrícia Lino, 2-5. Lisboa: Douda Correria.
- Lino, Patrícia. 2020. *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*. Lisboa: Douda Correria.
- Marcos, Patrícia Martins. 2020. “O Império é (a) sério.” In *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*, edited by Patrícia Lino, 192-201. Lisboa: Douda Correria.
- Tiburi, Marcia. 2016. *Como Conversar com um Fascista. Reflexões sobre o quotidiano autoritário*. Paris: Nota de Rodapé Edições.

Nota biográfica

Professor de Literatura Portuguesa na Universidade do Porto, Investigador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Membro da Rede Internacional de Pesquisa LyraCompoetics. Desde 2005, publicou diversos livros de ensaios sobre literatura portuguesa dos séculos XX e XXI, estudos interartísticos, questões de ética. Presentemente, desenvolve pesquisas sobre a representação e o imaginário do fim do mundo.

ORCID iD

[0000-0002-5296-6806](https://orcid.org/0000-0002-5296-6806)

Morada institucional

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica Edgar Cardoso, s/nº. 4150-564 Porto.

Recebido Received: 2021-01-30

Aceite Accepted: 2021-03-21

DOI <https://doi.org/10.34619/jpiw-eh8n>